TODAS AS CORRUPÇÕES SÃO CRIMES HEDIONDOS

Júlio Campos

A rainha Vitória da Inglaterra, quando iniciou seu reinado em 1831, teve que atender a um anseio que pressionava a partir do imaginário da sociedade inglesa: abolir da escravidão. A Inglaterra, importante que se diga, mais que qualquer país na época, se situou como pontal e líder na árdua luta pelo reconhecimento dos direitos das pessoas. De fato, os ingleses passaram de ser um dos mais vorazes colonialistas, a ter um papel defensor, protetor e até policialesco, em prol da defesa dos cidadãos, combatendo com denodo o tráfico, a comercialização e o cerceamento da liberdade de seres humanos. A preocupação com a importância das crianças teve um desenvolvimento semelhante. As biografias dão conta de uma Vitória preocupada com as formas violentas que eram tratados seus pequenos súditos. Quando soube, por exemplo, que boa parte do carvão que aquecia os lares ingleses era extraído por crianças em minas insalubres e venenosas, iniciou uma ampla, combativa e meritória campanha em defesa destes condenados. Digo condenados porque estas crianças, com os pulmões endurecidos pela pneumoconiose, raramente alcançavam o fim da adolescência. Estes avanços passam para a história como mais um mérito civilizatório que deve ser creditado a este admirável povo.

Para enfatizar a condição de pouca importância das crianças até esta época bastaria com lembrar o conhecido ditado que, vindo da idade média, é bastante eloquente por si. Diz: “Don’t throw the baby out with the bath water”. Deve-se ter o cuidado de não jogar fora a criança com a água do banho. Metaforicamente evidenciava uma ordem de precedência muito clara: primeiro os adultos (o homem) e por último, por ordem de idade, o nenê. Como era usada a mesma água para todos, no fim do processo, quando o caldo turvo era jogado pela janela ... . Também parece oportuno lembrar que o termo “infantaria” provém do infame costume de colocar crianças nas primeiras fileiras da maioria dos exércitos durante as batalhas. Por razões óbvias, eram chamados também de “buchas-de-canhão”: a primeira linha de combate aos inimigos era dada por infantes.

Em ambos os casos, na escravatura e no abuso do trabalho infantil, os muito meritórios esforços destes próceres que se insurgiram, devem ser aplaudidos pela ousadia. Em especial porque, como normalmente ocorre, os ideais defendidos e posicionamentos alcançados estavam na contramão dos grandes desenvolvimentos econômicos da época, onde a ávida necessidade de mão de obra e de energia para alimentar a insipiente e lucrativa revolução industrial, estavam na ordem do dia.

O que me parece também interessante salientar é a constatação, trazida pelos relatos da época, de que esses traficantes de escravos e esses proprietários das nefastas minas sempre conviveram com seus pares nas cortes e tribunais e não raro eram influentes cidadãos, tão bem vistos como quaisquer outros. Leopoldo II, por exemplo, que esteve entre 1865 e 1906 à frente da Bélgica, embora não fosse de fato lá muito amado pelos seus súditos, teve um longo, profícuo e construtivo reinado. Em compensação no Congo, uma colônia da Bélgica, tratada por Leopoldo como posse pessoal, sua ferocidade eclodiu de forma explícita, da pior maneira que se possa imaginar. Isto inclui um incontável número de mutilados e 10 milhões de pessoas mortas. E as motivações das punições são impressionantemente aleatórias como, por exemplo, a falta de cumprimento das metas estabelecidas pelo próprio proprietário e seus sequazes. A história conta que, em um só dia, a insatisfação fez com que um feitor matasse, a tiros, 122 nativos. Este desmando somente foi detido por um esforço internacional de um grupo composto por jornalistas, escritores, diplomatas e cidadãos do bem de diversos países. Com a denominação de *Congo Reform Association* é tido como o primeiro movimento social de defesa dos direitos humanos. Estamos no ano de 1904.

Não considero que tenha sido a barbárie dos belgas que propiciou o aparecimento deste íntegro grupo de visionários. Esta é a tese que defendo neste trabalho. Prefiro entender como o desabrochar de uma consciência que teve seu surgimento em uma parcela fortalecida e lúcida da população. Esta consciência vem tendo um crescimento paulatino e, aumentando seu poder, começa a conseguir colocar freios a desmandos cruéis de governantes inescrupulosos. A luta contra o autoritarismo e as várias formas de fascismo foram aos poucos tomando corpo na sociedade e dificultando estes criminosos que, em nome de ideologias espúrias e autocráticas, perpetuam-se na governança dos países. Vejo assim com Hitler e com Mussolini, 40 anos mais tarde dos problemas do Congo Belga. Já no final da Segunda Guerra Mundial a maioria das pessoas, até dentro da própria Alemanha ou da Itália, não tinham dúvidas que ali se cometiam atentados contra a civilização.

Nesta linha de esforços, como uma cereja do bolo, vejo hoje um livro que, recebendo o título de “Bandidolatria e Democídio” trata diretamente destes temas. Por bandidolatria o autor considera todos os atos, pensamentos ou intenções ligadas ao culto a bandidos. O contrário da “Síndrome de Estocolmo”, para resumir. E democídio é o termo acunhado pelo cientista político R.J. Rummel (1932-2014), para designar as mortes causadas pelos governantes. Para Rummel, no século XX estas mortes ultrapassam os números das guerras declaradas. Parece que cada vez menos seja possível enganar a todos durante muito tempo.

Claro que a luta pela liberdade e direito dos cidadãos está muito longe de um final feliz. Basta com ir a Paris e confrontar-se com a tumba principal de “Les Invalides” para se ter a noção de como é difícil defender-nos dos que nos maltratam. Napoleão Bonaparte conseguiu para si um mausoléu que só perde em grandiosidade para as pirâmides do Egito, túmulo dos faraós. Considero esta tumba, juntamente com o lindo e rico obelisco da Place Vendôme, também dedicado a ele, vassalagem e glorificações à ignomínia humana. Embora seja muito triste, uma prova viva da minha tese se encontra quando nos defrontamos com grupos e mais grupos de estudantes, crianças e adolescentes, saindo do citado museu com o característico chapéu do beligerante imperador. Quem pode ter interesse hoje de que seja louvada ainda esta figura? A única vingança que pode ter uma alma livre neste caso é ver, desde o museu Rodin, na mesma tomada de cena, em primeiro plano “O Pensador “, símbolo do melhor que o ser humano pode produzir, e ao fundo, em um merecido segundo plano, o domo dos “Les Invalides”.

Quando o tema é o aumento de consciência e o desmascaramento de governantes inescrupulosos penso que as histórias relacionadas com o Watergate, em 1972, sempre devem ser mencionadas. Eles próprios, os políticos inescrupulosos, contam com o fato, verdadeiro, diga-se de passagem, de que os eleitores têm memória curta.

Outro tema que teima em ir para baixo do tapete é o da pedofilia. Por isto os heroicos repórteres do “The Boston Globe” que, em 2002, conseguiram, contra o vento e a maré, desmascarar e revelar a pedofilia na igreja católica também devem ser sempre reverenciados por merecerem nossa eterna gratidão. Facilitaram o caminho e fizemos vários avanços, com a pontual ajuda dos EUA, mas estamos muito longe, como civilização, de entendermos os malefícios que estes criminosos produzem. Um exemplo. Nossos informativos noticiam que nos computadores de um aposentado de 66 anos, pai de dois filhos adultos e dois netos, de 2 e 6 anos, tido, pelos poucos conhecidos que se dispuseram a dar entrevista, como uma pessoa reservada e respeitada foram encontrados cerca de 700.000 arquivos de pedofilia, que incluíam até estupros de bebês. Na hora da prisão estava transmitindo mais de 1.300 arquivos, o que não deixou dúvidas sobre sua condição de distribuidor. Conta a reportagem que os investidores, embora não tenham atestado falha cognitiva ou de conduta, registraram uma dificuldade do imputado em dar-se conta de sua complicada situação. Alegava que deveria ser solto para alimentar seus peixes e que a polícia deveria ir à favela ocupar-se de prender verdadeiros delinquentes. E não ele que não era um criminoso. O problema se agrava quando esta cínica opinião coaduna com partes de nossas obnubiladas leis que, em muitos casos, ainda estão imobilizadas no idealizado passado. Segundo elas este pedófilo passará, no máximo, 3 anos preso. Um escárnio ao que não se submetem os próprios presidiários. Todos sabemos qual é o destino dos estupradores dentro das prisões.

Não estou defendendo a pena de morte, como pode parecer. Mas sim que exista, de nossa parte, uma atenção especial e continua a estes fatos. No caso cito 5 tipos de acontecimentos (em aparência) diferentes onde tornam-se visíveis as estruturas político-filosóficas dominantes e a relação entre as autoridades vigentes e a população: a escravidão, o abuso às crianças, governantes cruéis como Leopoldo II e Napoleão, políticos mentirosos como Nixon e a pedofilia. Agregaria, sem pretensão de encerrar a lista, a formação de quadrilhas e o tráfico de drogas. Entendo que à primeira vista estas 7 contravenções possam parecer dissímeis. **Mas, para mim, todas contém, em si, o caráter básico da corrupção: o uso abusivo de uma das duas estruturas existentes para os seres humanos e que proporcionam a base de todos os nossos vínculos: a família e o estado. Corrupção é tudo aquilo que corrompe os laços da família e do estado**. Diferente do que dizem nossos dicionários, considero que a apropriação indébita de bens e dinheiro através de percentagens, o chamado “crime do colarinho branco”, é só uma forma pouco elaborada e primitiva do exercício destes infames delitos. A corrupção pode ser muito mais devastadora e, portanto, muito mais prejudicial para um número muito maior de pessoas. Mas defendo também que toda e qualquer corrupção deva ser qualificada como crime hediondo e os responsáveis devem ser afastados do convívio dos demais por serem muito perigosos para as muitas vezes instáveis e delicadas construções civilizatórias que temos conseguimos armar.

BIBLIOGRAFIA

1. Souza, L. G.; Pessi, D. (2018). *Bandidolatria e Democídio.* Porto Alegre, SV Editora.
2. Ghiroto, E. (2019) *Pedofilia Transnacional.* Revista Veja, edição 2619, ano 52, número 5. Editora Abril.